

EDITH
WHARTON

A época
da inocência

Tradução

HILDEGARD FEIST

Introdução

CYNTHIA GRIFFIN WOLFF

Notas

LAURA DLUZYNSKI QUINN



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da introdução © 1996 by Cynthia Griffin Wolff
Copyright das notas © Laura Dluzynski Quinn

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO
Leny Cordeiro

REVISÃO
Adriana Cristina Bairrada
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wharton, Edith, 1862-1937.

A época da inocência / Edith Wharton ; tradução Hildegard Feist. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

Título original: The Age of Innocence.

ISBN 978-85-63560-73-5

1. Romance norte-americano I. Título.

13-06042

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura norte-americana 813

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução — Cynthia Griffin Wolff	7
A ÉPOCA DA INOCÊNCIA	35
<i>Notas explicativas</i>	375
<i>Sugestões de leitura</i>	377
<i>Notas</i>	381

LIVRO I

I

Numa noite de janeiro, nos primeiros anos da década de 1870, Christine Nilsson¹ apresentava-se em *Fausto*² na Academia de Música de Nova York.³

Embora já se falasse que nos remotos rincões metropolitanos “acima das ruas Quarenta” seria construído um novo teatro de ópera⁴ que rivalizaria em custo e esplendor com os similares das grandes capitais europeias, o mundo elegante ainda estava contente por reunir-se a cada inverno nos surrados camarotes vermelhos e dourados da velha e simpática Academia. Os conservadores gostavam dela por ser pequena e incômoda e, assim, afugentar os “novos”⁵ que começavam a inspirar a Nova York uma mistura de temor e atração; os sentimentais a apreciavam por suas associações históricas; e os musicais por sua excelente acústica, uma qualidade sempre problemática nas salas construídas para se ouvir música.

Era a primeira apresentação de madame Nilsson nesse inverno, e o que os jornais diários já haviam aprendido a descrever como “um público excepcionalmente brilhante” se reunira para ouvi-la, transportado pelas ruas es-corregadias e cobertas de neve em berlindas particulares, no espaçoso landô da família ou no mais modesto, porém mais prático, “cupê Brown”.⁶ Ir à ópera num cupê Brown era quase tão honroso quanto chegar em carruagem própria; e ir para casa no mesmo veículo tinha a imensa van-

tagem de permitir que a pessoa (com uma bem-humorada alusão aos princípios democráticos) se aboletasse no primeiro carro da fila, em vez de esperar até que o nariz congestionado pelo frio e pelo gim de seu cocheiro despontasse sob o pórtico da Academia. Uma das intuições mais geniais do grande alquilador foi descobrir que os americanos têm mais pressa de voltar para casa depois da diversão que de chegar ao local de seu entretenimento.

Quando o jovem Newland Archer entrou no camarote do clube, a cortina acabava de abrir-se sobre a cena do jardim. Não havia motivo para ele não ter chegado mais cedo, pois jantara às sete, só com a mãe e a irmã, e depois se demorara com um charuto na biblioteca gótica de luzidias estantes de nogueira negra e cadeiras com encosto entalhado que era o único cômodo da casa onde Mrs. Archer permitia que se fumasse. Mas, em primeiro lugar, Nova York era uma metrópole com plena consciência de que nas metrópoles “não ficava bem” chegar cedo à ópera; e o que ficava ou não ficava bem era tão importante na Nova York de Newland Archer quanto os inescrutáveis terrores totêmicos que regeram os destinos de seus antepassados, milhares de anos antes.

A segunda razão de seu atraso era de ordem pessoal. Ele havia se demorado com o charuto porque, no fundo, era um diletante, e pensar no prazer que estava por vir geralmente lhe proporcionava uma satisfação mais sutil que a fruição desse prazer. Isso ocorria sobretudo quando se tratava de um prazer delicado, como era a maioria de seus prazeres; e, nessa ocasião, o momento que ele aguardava com ansiedade era tão raro e intenso que — bem, se tivesse programado sua chegada de comum acordo com o diretor de cena, não teria entrado na Academia num momento mais significativo do que quando a prima-dona estava cantando: “Ele me ama — não me ama — *me ama!* —” e arrancando as pétalas da margarida, que caíam com notas claras como gotas de orvalho.

Evidentemente, ela cantou “*M’ama!*”, e não “ele me ama”, pois uma lei inalterável e incontestada do mundo musical exigia que o texto alemão de óperas francesas cantadas por artistas suecos fosse traduzido para o italiano para melhor entendimento de plateias de língua inglesa. O que era tão natural para Newland Archer quanto todas as outras convenções que pautavam sua vida: como a obrigação de usar duas escovas de prata com seu monograma em esmalte azul para repartir o cabelo e de nunca aparecer em público sem uma flor (de preferência uma gardênia) na lapela.

“*M’ama... non m’ama...*”,⁷ a prima-dona cantou, e “*M’ama!*”, numa derradeira explosão de amor triunfante, levando aos lábios a margarida despetalada e erguendo os grandes olhos para o enganoso semblante do baixinho e moreno Fausto-Capoul,⁸ que, vestido num apertado gibão de veludo roxo e com um chapéu de pluma na cabeça, inutilmente tentava parecer tão puro e sincero quanto sua ingênua vítima.

Encostado à parede no fundo do camarote, Newland Archer desviou os olhos do palco e correu-os pelo lado oposto do teatro. Ali estava o camarote da velha Mrs. Manson Mingott, cuja monstruosa obesidade desde muito a impedia de ir à ópera, mas que nas noites de gala sempre era representada por parentes mais jovens. Nessa ocasião, encontravam-se na primeira fila do camarote sua nora, Mrs. Lovell Mingott, e sua filha, Mrs. Welland; e ligeiramente atrás dessas matronas cobertas de brocado uma moça de branco fitava, extasiada, os amantes no palco. Quando o “*M’ama!*” de madame Nilsson vibrou pela sala silenciosa (os ocupantes dos camarotes sempre paravam de falar na cena do jardim), um cálido rubor assomou às faces da jovem, espargiu-se testa acima até as raízes de suas tranças loiras e desceu-lhe pela curva do busto até a linha onde encontrou uma recatada berta⁹ de tule presa com uma gardênia. Ela bai-

xou os olhos para o imenso buquê de lírios-do-vale¹⁰ que tinha sobre os joelhos e com as pontas dos dedos enluvados de branco tocou as flores suavemente. Ao ver isso, Newland Archer soltou um suspiro de vaidade satisfeita e mais uma vez dirigiu sua atenção para o palco.

Não se pouparam despesas com a montagem, que até mesmo quem conhecia os teatros de ópera de Paris e Viena, como era o caso de Archer, achou muito bonita. Toda a frente do palco, até a ribalta, estava coberta de um tecido verde-esmeralda. A meia distância, montes simétricos de musgo verde contornados por arcos de croquê formavam a base de arbustos que pareciam laranjeiras, mas estavam carregados de grandes rosas vermelhas. Gigantescos amores-perfeitos, consideravelmente maiores que as rosas e muito semelhantes aos limpa-penas em formato de flor que as paroquianas faziam para os clérigos elegantes, brotavam do musgo ao pé do roseiral; e cá e lá uma margarida enxertada num galho de roseira vicejava com uma exuberância que profetizava os distantes prodígios de Mr. Luther Burbank.¹¹

No centro desse jardim encantado, madame Nilsson, de caxemira branca com nesgas de cetim azul-claro, uma bolsinha pendurada numa faixa azul e grandes tranças amarelas arrumadas cuidadosamente em ambos os lados da blusa de musselina, ouvia com os olhos baixos o apaixonado galanteio de M. Capoul e afetava uma ingênua incompreensão de suas intenções, sempre que, com a palavra ou com o olhar, ele indicava a janela do andar térreo da casa de tijolos à vista no lado direito do palco.

“Que amor!”, pensou Newland Archer, voltando a fixar a jovem com os lírios-do-vale. “Ela não faz ideia do que se trata.” E contemplou-lhe o rosto absorto com um vibrante sentimento de posse em que o orgulho pela própria iniciação masculina se misturava a uma terna reverência pela infinita pureza da moça. “Vamos ler *Fausto* juntos... à beira dos lagos italianos...”, pensou, vagamente

confundindo o cenário de sua planejada lua de mel com as obras-primas da literatura que, como homem, teria o privilégio de revelar à esposa. Foi só naquela tarde que May Welland lhe disse que “gostaria” (era assim que a donzela devia declarar-se em Nova York), e já sua imaginação, saltando à frente do anel de noivado, do beijo de noivado e da marcha do *Lohengrin*,¹² posicionava-a a seu lado em algum cenário imerso na velha magia europeia.

Ele definitivamente não desejava que a futura Mrs. Newland Archer fosse uma simplória. Queria que (graças a sua instrutiva companhia) ela adquirisse tato social e agilidade mental para manter-se em pé de igualdade com as mulheres casadas mais benquistas da “ala jovem”, que costumavam atrair as homenagens masculinas e, ao mesmo tempo, desencorajá-las graciosamente. Se tivesse sondado as profundezas de sua vaidade (como às vezes quase fazia), teria encontrado lá o desejo de que sua esposa fosse tão experiente e ansiosa para agradar quanto a senhora casada cujos encantos dominaram sua fantasia ao longo de dois anos meio agitados; sem, naturalmente, nem sombra da fragilidade que por pouco arruinara a vida daquela infeliz criatura e atrapalhara seus planos para todo um inverno.

Como esse milagre de fogo e gelo se operaria e como se sustentaria num mundo cruel era algo em que ele nunca havia parado para pensar; mas se contentava em manter essa opinião sem analisá-la, pois sabia que era a de todos os cavalheiros bem escovados, de colete branco e flor na lapela que se sucediam no camarote do clube, cumprimentavam-no amistosamente e, imbuídos de espírito crítico, apontavam seus binóculos para o círculo de damas que eram o produto do sistema. Em questões intelectuais e artísticas, Newland Archer se sentia nitidamente superior a esses seletos espécimes da velha aristocracia nova-iorquina; provavelmente havia lido mais, pensado mais e até visto mais do mundo que qualquer

outro homem de sua classe. Individualmente, eles traíam a própria inferioridade; mas em conjunto representavam “Nova York”, e o hábito da solidariedade masculina o fazia aceitar sua doutrina sobre todas as questões ditas morais. Quanto a isso, instintivamente achava que seria problemático — e um tanto grosseiro — discordar.

“Ora essa!”, Lawrence Lefferts exclamou, abruptamente desviando o binóculo do palco. Lawrence Lefferts era tido como a maior autoridade em “bom-tom” em Nova York. Provavelmente dedicara mais tempo que qualquer outra pessoa ao estudo desse tema intricado e fascinante; mas só o estudo não explicaria sua absoluta competência. Bastava olhar para ele, da inclinação de sua testa calva e da curva de seu belo bigode loiro até seus pés calçados em sapatos de verniz, na outra extremidade de sua figura esguia e elegante, para perceber que o conhecimento do “bom-tom” devia ser congênito em qualquer indivíduo que soubesse usar boas roupas com tamanha displicência e conseguisse ser tão garboso apesar da alta estatura. Como um jovem admirador afirmara certa vez: “Se existe alguém capaz de dizer a um sujeito quando usar ou não gravata preta com traje de noite, esse alguém é Larry Lefferts”. E no tocante a sapatos sem cadarços e sapatos de amarrar, sua autoridade nunca fora questionada.

“Meu Deus!”, ele exclamou e, em silêncio, passou o binóculo para o velho Sillerton Jackson.

Seguindo o olhar de Lefferts, Newland Archer constatou, com surpresa, que suas exclamações se deveram à entrada de mais uma pessoa no camarote da velha Mrs. Mingott. Era uma jovem esguia, um pouco mais baixa que May Welland, o cabelo castanho preso por uma estreita tiara de diamantes, à exceção de pequenos cachos nas têmporas. A sugestão desse penteado, que lhe conferia o que se chamava então de “estilo Joséphine”,¹³ confirmava-se no vestido de veludo azul-escuro um tanto

teatralmente ajustado sob o busto por um cinto de fivela grande e antiquada. Quem usava esse modelo incomum e parecia alheia à atenção que despertava permaneceu por um instante de pé no centro do camarote, tentando explicar a Mrs. Welland que não achava correto ficar com o lugar dela, no canto direito da primeira fila; por fim, cedeu, com um ligeiro sorriso, e sentou-se ao lado de Mrs. Lovell Mingott, cunhada de Mrs. Welland, que estava no canto oposto.

Mr. Sillerton Jackson devolveu o binóculo a Lawrence Lefferts. Todos se voltaram instintivamente, prontos para ouvir o que ele tinha a dizer; pois o velho Mr. Jackson era uma autoridade tão grande em “família” quanto Lawrence Lefferts em “bom-tom”. Conhecia todos os laços de parentesco de Nova York; e não só sabia elucidar questões complicadas como o do parentesco entre os Mingott (através dos Thorley) com os Dallas da Carolina do Sul e a da relação do ramo mais antigo dos Thorley de Filadélfia com os Chivers de Albany (que de modo algum deviam ser confundidos com os Manson Chivers da University Place), mas também era capaz de enumerar as principais características de cada família; como, por exemplo, a fabulosa avareza das gerações mais jovens dos Lefferts (os de Long Island); ou a fatal tendência dos Rushworth para fazer casamentos equivocados; ou a insanidade recorrente a cada duas gerações dos Chivers de Albany, com os quais seus primos de Nova York sempre se recusaram a casar-se — com a desastrosa exceção da pobre Medora Manson, que, como todo mundo sabia... mas, afinal, a mãe dela era uma Rushworth.

Além dessa floresta de árvores genealógicas, Mr. Sillerton Jackson carregava entre as têmporas estreitas e fundas e sob a macia cabeleira prateada um registro da maioria dos escândalos e mistérios que ferveram sob a imperturbada superfície da sociedade nova-iorquina nos últimos cinquenta anos. Seus conhecimentos eram tão

vastos e sua memória tão prodigiosa que se acreditava ser ele o único homem capaz de dizer quem era na verdade Julius Beaufort, o banqueiro, e o que acontecera com o belo Bob Spicer, pai da velha Mrs. Manson Mingott, que desaparecera tão misteriosamente (com uma polpuda quantia de dinheiro de menores que lhe fora confiada) menos de um ano depois de casar-se, no mesmo dia em que uma linda dançarina espanhola que encantara plateias lotadas no velho teatro de ópera do Battery embarcou para Cuba. Mas esses mistérios, e muitos outros, estavam bem guardados no íntimo de Mr. Jackson; pois não só seu forte senso de honra o impedia de repetir qualquer coisa que ouvira em confidência, como ele tinha plena consciência de que sua reputação de discrição multiplicava suas oportunidades de descobrir o que queria saber.

Portanto, os ocupantes do camarote aguardaram, em visível suspense, enquanto Mr. Sillerton Jackson devolvia o binóculo a Lawrence Lefferts. Por um instante ele observou em silêncio o grupo atento com seus embaciados olhos azuis sob pálpebras sulcadas de veias; depois, cofiou o bigode, pensativo, e disse, simplesmente: “Não imaginei que os Mingott se atrevessem a tanto”.

Durante esse breve episódio, Newland Archer viu-se dominado por um estranho constrangimento.

Era embaraçoso que o camarote que atraía a total atenção da Nova York masculina fosse o mesmo em que sua noiva se encontrava entre a mãe e a tia; e por um momento ele não conseguiu identificar a dama de vestido império, nem entendeu por que sua presença suscitava tamanho alvoroço entre os iniciados. Depois, fez-se a luz em sua mente, acompanhada de uma onda de indignação. Não, realmente: quem iria imaginar que os Mingott se atrevessem a tanto!

Mas se atreveram; indubitavelmente, pois os comentários cochichados atrás dele não lhe deixavam dúvida de que a jovem senhora era prima de May Welland, a prima à qual a família sempre se referia como “a pobre Ellen Olenska”. Archer sabia que ela chegara inesperadamente da Europa havia um dia ou dois; sabia que miss Welland tinha ido visitar a pobre Ellen na casa da velha Mrs. Mingott. Aprovava plenamente a solidariedade da família, e uma das qualidades que mais admirava nos Mingott era sua resoluta defesa das poucas ovelhas negras que seu impecável rebanho produzira. Não abrigava no coração nada mesquinho ou pouco generoso e achava muito bom que falsos pruridos não impedissem sua futura esposa de ser gentil (em particular) com a prima in-

feliz; mas receber a condessa Olenska no círculo familiar era uma coisa muito diferente de exibi-la em público, ainda por cima no teatro de ópera e no mesmo camarote em que estava a jovem cujo noivado com ele, Newland Archer, seria anunciado ao cabo de algumas semanas. Não, ele pensava como o velho Sillerton Jackson; não imaginava que os Mingott se atrevessem a tanto!

Naturalmente, sabia que o que qualquer homem ousasse fazer (dentro dos limites da Quinta Avenida) a velha Mrs. Manson Mingott, a matriarca da família, também ousaria. Sempre admirara a arrogante matrona, que, apesar de um dia ter sido apenas Catherine Spicer de Staten Island, com um pai misteriosamente desacreditado, sem dinheiro nem posição suficientes para fazer as pessoas esquecerem esse fato, acabara por unir-se ao chefe da rica família Mingott, casara duas de suas filhas com “estrangeiros” (um marquês italiano e um banqueiro inglês) e coroara suas ousadias com a construção de um casarão de pedra cor de creme (quando o arenito pardo¹ parecia uma alternativa tão única quanto a sobrecasaca² à tarde) num ermo inacessível, próximo do Central Park.³

As filhas estrangeiras da velha Mrs. Mingott tornaram-se uma lenda. Nunca voltaram para ver a mãe, que, como muitas pessoas de mente ativa e vontade imperiosa, sedentária e corpulenta, filosoficamente ficara em seu canto. Mas o casarão cor de creme (que teria sido inspirado nos hotéis particulares da aristocracia parisiense) ali estava como prova visível de sua coragem moral; e ali, entre móveis pré-revolucionários⁴ e lembranças das Tulherias⁵ de Luís Napoleão (onde ela brilhara em sua meia-idade), a matriarca reinava placidamente, como se não houvesse nada de estranho em morar acima da rua 34⁶ ou em ter janelas francesas que se abriam como portas, em vez de janelas de guilhotina.

Todos (inclusive Mr. Sillerton Jackson) concordavam que a velha Catherine nunca fora uma beldade — sendo

a beleza um dom que, aos olhos de Nova York, justificava todo sucesso e desculpava alguns fracassos. Os maledicentes asseguravam que, como sua homônima imperial,⁷ ela havia trilhado o caminho do sucesso com força de vontade e dureza de coração e uma espécie de altiva insolência que, de algum modo, era contrabalançada pelas extremas decência e dignidade de sua vida particular. Mr. Manson Mingott morrera quando ela contava apenas 28 anos e deixara seu dinheiro “bloqueado” — precaução que se devia à desconfiança geral em relação aos Spicer —, porém a jovem e ousada viúva seguiu em frente, destemida, circulou livremente pela sociedade estrangeira, casou as filhas sabe-se lá em que círculos corruptos e elegantes, conviveu com duques e embaixadores, fez amizade com papistas, recebeu cantores de ópera e foi amiga íntima de madame Taglioni;⁸ e durante todo esse tempo (como Sillerton Jackson era o primeiro a proclamar) nunca se ouviu um só murmúrio sobre sua reputação — o único aspecto, ele sempre acrescentava, em que Catherine diferia da outra Catarina.

Havia já meio século que Mrs. Manson Mingott conseguira desbloquear a fortuna do marido e vivia na riqueza; mas as lembranças de suas antigas dificuldades a tornaram excessivamente econômica, e embora ela sempre procurasse o melhor, quando decidia comprar um vestido ou um móvel, não conseguia gastar muito com os efêmeros prazeres da mesa. Assim, por motivos inteiramente distintos, sua comida era tão parca quanto a de Mrs. Archer e seus vinhos nada faziam para redimi-la. Os parentes achavam que a penúria de sua mesa depunha contra o nome dos Mingott, que sempre fora associado a viver bem; mas todo mundo continuava visitando-a, apesar dos “pratos feitos” e do champanhe chocho, e em resposta às reclamações de seu filho Lovell (que tentou recuperar a reputação da família contratando o melhor *chef*⁹ de Nova York), ela dizia, risonha:

“Para que dois bons cozinheiros numa única família, agora que casei as meninas e não posso comer molhos?”.

Enquanto pensava nessas coisas, Newland Archer mais uma vez voltou os olhos para o camarote dos Mingott. Constatou que Mrs. Welland e a cunhada enfrentavam seu semicírculo de críticos com o *aplomb* mingottiano que a velha Catherine incutira em toda a tribo e que só May Welland demonstrava, pelo rubor (devido, talvez, ao fato de saber que ele a observava), uma consciência da gravidade da situação. Quanto à causa da comoção, continuava graciosamente sentada no canto do camarote, os olhos fitos no palco, e revelando, ao inclinar-se para a frente, um pouco mais de ombros e busto do que Nova York estava acostumada a ver, pelo menos nas senhoras que tinham motivos para querer passar despercebidas.

Para Newland Archer havia poucas coisas mais terríveis que uma ofensa ao “Bom Gosto”, essa divindade distante da qual o “Bom-Tom” era o mero representante visível. O rosto pálido e sério de madame Olenska parecia-lhe adequado às circunstâncias e à triste situação em que ela se encontrava; porém, a maneira como o decote do vestido (sem berta) deslizava por seus ombros magros deixava-o chocado e perturbado. Ele detestava pensar que May Welland estava exposta à influência de uma jovem tão displicente com os ditames do Bom Gosto.

“Afinal”, um dos rapazes começou a dizer atrás dele (todo mundo conversava durante as cenas de Mefistófeles e Martha),¹⁰ “afinal, o *que* exatamente aconteceu?”

“Bom... ela o deixou; não há como negar isso.”

“Ele é um brutamontes, não é?”, prosseguiu o rapaz, um cândido Thorley, que evidentemente estava se preparando para entrar no torneio como o paladino da dama.

“Da pior espécie; eu o conheci em Nice”, Lawrence Lefferts informou, com autoridade. “Um sujeito meio parado, pálido, sarcástico... com um rosto bonito, mas com muitas pestanas. Quando não estava com mulheres,

estava colecionando porcelana. Pagando qualquer preço por ambas, pelo que sei.”

Todos riram, e o jovem paladino perguntou: “Bom, e então...?”

“E então ela fugiu com o secretário do marido.”

“Ah, entendi.” O paladino murchou.

“Não durou muito, porém; meses depois, eu soube que ela estava morando, sozinha, em Veneza. Parece que Lovell Mingott foi buscá-la. Ele falou que ela estava muito infeliz. Até aí tudo bem... mas exibi-la na ópera é outra coisa.”

“Decerto ela está infeliz demais para ficar sozinha em casa”, o cândido Thorley arriscou.

Com isso provocou uma irreverente gargalhada; corando intensamente, tentou demonstrar que pretendia insinuar o que chamavam de “*double entendre*”.¹¹

“Bom... de qualquer modo, é esquisito trazerem miss Welland”, alguém comentou em voz baixa, olhando de esquelha para Archer.

“Ah, isso faz parte da campanha: ordens da vovó, sem dúvida”, Lefferts riu. “Quando a velha faz alguma coisa, faz por inteiro.”

O ato estava terminando, e houve uma movimentação geral no camarote. De repente, Newland Archer sentiu-se impelido a um gesto decisivo. O desejo de ser o primeiro homem a entrar no camarote de Mrs. Mingott, de proclamar ao mundo seu noivado com May Welland e de ajudá-la em quaisquer dificuldades que a anômala situação da prima pudesse envolvê-la superou abruptamente todos os seus escrúpulos e hesitações e levou-o a precipitar-se pelos corredores vermelhos até o lado oposto do teatro.

Quando entrou no camarote e seus olhos encontraram os de miss Welland, percebeu que ela imediatamente compreendeu seu motivo, embora a dignidade familiar que ambos consideravam uma virtude tão elevada não lhe permitisse dizê-lo. As pessoas de seu mundo viviam

num clima de vagas implicações e tênues delicadezas, e o fato de os dois se entenderem mutuamente sem palavras parecia aproximá-los mais que qualquer explicação. Os olhos dela disseram: “Você está vendo por que a mamãe me trouxe”. E os dele responderam: “Por nada no mundo eu iria querer que você não tivesse vindo”.

“Conhece minha sobrinha, a condessa Olenska?”, Mrs. Welland perguntou, ao apertar a mão do futuro genro. Archer fez uma reverência sem estender a mão, como cumpria ao cavalheiro que era apresentado a uma dama; e Ellen Olenska inclinou ligeiramente a cabeça, mantendo as mãos enluvadas ocupadas com seu enorme leque de penas de águia.¹² Depois de cumprimentar Mrs. Lovell Mingott, uma senhora corpulenta e loira, vestida de cetim farfalhante, Archer sentou-se ao lado de May Welland e murmurou: “Você contou a madame Olenska que estamos noivos? Quero que todo mundo saiba... quero que você me deixe anunciar nosso compromisso no baile desta noite.”

O rosto da jovem tingiu-se de rosa como o amanhecer, e ela o fitou, radiante. “Se você conseguir convencer a mamãe...”, falou. “Mas por que vamos mudar o que já está decidido?” E, como ele respondesse apenas com o olhar, acrescentou, ainda mais confiante e sorridente: “Diga você mesmo a minha prima: eu lhe dou permissão. Ela contou que vocês brincavam juntos quando eram crianças”.

Em seguida, empurrou a cadeira para lhe dar passagem, e de imediato, um tanto ostensivamente, desejando que o teatro inteiro visse o que estava fazendo, Archer sentou-se ao lado da condessa Olenska.

“Nós brincávamos juntos, não é?”, disse ela, muito séria, fitando-o nos olhos. “Você era um menino horrível e uma vez me beijou atrás da porta; mas eu estava apaixonada por seu primo Vandie Newland, que nunca reparou em mim.” Ela correu os olhos pelos camarotes em semi-círculo. “Ah, como isso me faz lembrar... Vejo todas es-

sas pessoas de *knickerbockers* e *pantalettes*”,¹³ comentou com seu leve sotaque estrangeiro, fitando-o novamente.

Por mais agradável que fosse a expressão de seus olhos, eles refletiam uma imagem altamente imprópria do augusto tribunal que, naquele mesmo instante, julgava seu caso. Frivolidade fora de hora era o cúmulo do mau gosto; e, chocado, Archer respondeu, um tanto secamente: “Sim, você passou muito tempo no exterior”.

“Ah, séculos e séculos”, ela concordou; “tanto tempo que acho que estou morta e enterrada e que este lugar querido é o céu.” O que, por motivos que ele não conseguiu identificar, pareceu-lhe uma forma ainda mais desrespeitosa de descrever a sociedade nova-iorquina.